
EXPERIÊNCIAS CULTURAIS E ACADÊMICAS NA BÉLGICA E FRANÇA*

Balduino Antônio Andreola**

Depois de dois anos de estudos em escolas e instituições belgas, e estágios em escolas francesas, de passagem por Porto Alegre, Prof. Balduino Andreola prestou importantes depoimentos à revista *Educação e Realidade*. Professor de Filosofia da Educação no Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Prof. Andreola realizou um Curso de Pós-Graduação, com duração de 300 horas, na Universidade Católica de Louvain, como preparação ao Doutorado na mesma Universidade. Preocupado em situar o problema pedagógico no contexto social, político e econômico, explica a razão da escolha do tema de sua dissertação.

Pedagogia de Paulo Freire

Escolhi como tema “A contribuição da Pedagogia de Paulo Freire para o diálogo intercultural”. Evidentemente, se falarmos em diálogo intercultural, já se pensa em pluralidade. Escolhi três experiências de educação popular, realizadas em contextos geográficos, políticos e culturais muito diferentes. Uma experiência de educação popular para os imigrantes italianos de Bruxelas; a experiência da Guiné-Bissau, na África; e uma experiência de conscientização entre os párias da Índia. Destas experiências, analisadas em minha dissertação, falo mais especificamente em artigo anterior da revista *Educação e Realidade*. Mas gostaria de sublinhar apenas uma preocupação que orientou a escolha do tema. Eu quis estudar a Pedagogia de Paulo Freire num contexto mais amplo, no seu significado mais vasto: a contribuição que a mesma deu ou pode dar para um encontro entre as culturas, para um diálogo maior entre as diferentes culturas.

Uma pedagogia da libertação deve partir de um diálogo amplo. O terceiro mundo enfrenta, hoje, uma problemática muito árdua nos planos, político,

* Entrevista concedida pelo autor à representante de *Educação e Realidade*, Profa. Fernanda Marques Fernandes. Redação final de Rovílio Costa.

** Professor do Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação da UFRGS.

econômico e social. E os problemas são muito semelhantes. As soluções devem partir do diálogo, do encontro, evidentemente no plano político, econômico, científico e tecnológico, mas também no plano cultural.

A cultura é uma força extraordinária que podemos pôr a serviço da construção de um homem novo: a serviço da transformação da sociedade, para a construção de uma civilização mais humana e mais solidária. Preocupei-me, então, em situar a pedagogia de Paulo Freire nesta perspectiva.

De Emmanuel Mounier a Paulo Freire

Concluído seu curso preparatório ao Doutorado, em janeiro de 1983, Prof. Balduino está, agora, pesquisando e refletindo sobre sua tese, cujo tema assim justifica:

“O tema que escolhi é este: De Emmanuel Mounier a Paulo Freire, uma Pedagogia da Pessoa e da Comunidade. Há muito tempo venho me interessando pelo pensamento de Mounier, sua visão do homem e do mundo. Ele tem ainda muito a nos dizer e uma grande contribuição a nos dar. Eu me preocupei em relacionar Paulo Freire e Mounier, situando a proposta pedagógica de Paulo Freire num contexto amplo. Emmanuel Mounier é um grande pensador. Não é um pensador que se situa na linha de uma reflexão pura, dissociada da realidade. Foi um homem profundamente comprometido com a realidade social, política, cultural e religiosa e viveu intensamente a problemática da sua época, que é também a problemática do mundo de hoje. Morreu em 1950, com 45 anos de idade. Viveu toda a crise anterior à última grande guerra, viveu a guerra e os anos posteriores à mesma. Mounier se questionou sobre a crise e os dramas do nosso século, e procurou, na linha do pensamento e da ação engajada, os caminhos de solução para além das depravações do capitalismo, do totalitarismo soviético e do fascismo.

O personalismo constitui um projeto revolucionário de homem novo, em vista de uma sociedade mais humana e comunitária. Tem sentido, pois, situar a pedagogia da liberdade, de Paulo Freire, neste contexto. Mounier se situa, de certo modo, em sentido amplo, dentro do movimento existencialista, mas sua linha de pensamento, sua forma de engajamento e ação, enfim, seu projeto, se caracteriza como personalista. Ele não é o único filósofo, o único pensador personalista. Mas é o grande mentor do Personalismo. As suas obras mais importantes são uma elaboração do personalismo como Filosofia e como projeto histórico. Os demais temas são tratados na perspectiva da pessoa. Mounier escreveu uma obra com o título “Introdução aos Existencialismos”. Ele situa o personalismo dentro da grande família existencialista. Tem, como Paulo Freire, também, raízes existencialistas. Mas, não é tudo. Há muita diferença e grande distância entre Personalismo e Existencialismo.

Pode-se dizer que o fundamento teórico de Paulo Freire seria o pensamento de Mounier?

Não, acho que não se pode colocar o problema nestes termos. Minha preocupação não é a de provar que Mounier influenciou o pensamento de Paulo Freire. Aliás, o próprio Freire diz que sofreu influência também de Mounier. Evidentemente, não só de Mounier. Creio que outros pensadores o influenciaram muito mais. Mas a minha preocupação não é esta, e sim a de situar a proposta de Paulo Freire num projeto mais amplo, ou seja no projeto de uma nova sociedade e de uma nova civilização, que é o projeto de Emmanuel Mounier. Mounier não é alguém que se preocupou em construir um sistema filosófico. Ele é um pensador, um filósofo. Mas um filósofo engajado, que se preocupa na reflexão articulada com a ação, para a transformação da realidade política, econômica e social. Ele tem um projeto de sociedade, um projeto de civilização. E a minha preocupação é situar a proposta pedagógica de Paulo Freire neste projeto mais amplo. Eu poderia resumir o tema da tese na seguinte pergunta: Qual o sentido, qual a contribuição da Pedagogia de Paulo Freire para a construção de uma nova civilização personalista e comunitária, segundo a perspectiva de Emmanuel Mounier?

Educação na Bélgica e Pedagogia Institucional

Depois de abordar as motivações pessoais, seja nos estudos e dissertação preparatórios ao doutoramento, seja na escolha do tema para a tese de doutoramento, Balduino discorreu sobre a Educação na Bélgica e na França.

Na Bélgica, e em parte também na França, pude conhecer coisas bastante interessantes. Em primeiro lugar, as minhas descobertas foram no contexto do meu curso. Houve algumas disciplinas que me proporcionaram ocasiões valiosas para isso. A disciplina "Pedagogia Comparada" permitiu que eu conhecesse várias experiências, várias teorias, vários autores de interesse, no processo de sala de aula. Mas houve outras disciplinas que nos levaram ao contato com experiências fora da sala de aula. Um dos movimentos mais significativos de renovação da educação é a Pedagogia Institucional. Tivemos oportunidade de analisar algumas idéias, alguns autores. Foram também apresentadas experiências significativas. Alguns autores servem como um ponto de referência na Pedagogia Institucional, por exemplo, La Passade, Lebrot, Oury e Vasquez, entre os principais.

Diz-se Pedagogia Institucional porque se preocupa em transformar as instituições educativas, os estabelecimentos, a sala de aula, o programa, as técnicas, as formas de organização e de gestão das atividades, incluindo a autogestão por parte dos alunos. As instituições são consideradas mais como instrumentos de mediação. Não instrumentos de mediação do poder. Mas instrumentos de mediação para o aluno, para o educando descobrir e dominar a realidade, estabelecer o seu projeto de vida. As disciplinas são colocadas em função do educando. O que eu lembro de mais interessante foi a contribuição da

Psicanálise para a renovação da Pedagogia, da Educação, e dos métodos de ensino. Eu diria que esta linha, mais relacionada com a psicanálise, dá um caráter quase que terapêutico à experiência educativa. Então a prioridade não é o ensino e a aprendizagem de conteúdos, mas é o encontro da pessoa consigo mesma e com os outros, inclusive numa linha de superação de seus problemas. Os problemas dos alunos, o diálogo na classe, a criatividade, o trabalho cooperativo, as sessões do Conselho de Classe têm grande importância na Pedagogia Institucional. O trabalho e a vida social na escola são agentes eficazes de profilaxia e de terapia.

Pedagogia e ideologia de dominação

Em seu diálogo com Fernanda Marques Fernandes, Balduino não esconde sua convicção de que alguns professores, em nossa realidade também, a partir de teorias e contextos sociológicos diferentes, estejam aplicando os princípios da Pedagogia Institucional; mas, ao mesmo tempo tem a clara convicção de que isto não é uma rotina e sim uma exceção. Tampouco vê a Pedagogia Institucional como receita, mas apenas uma experiência a ser analisada, na dialética do confronto com outras experiências.

Eu falei da Pedagogia Institucional, porque me parece ponto de referência interessante para quem fizesse, por exemplo, uma viagem para um estágio na França, ou para um Pós-Doutorado. Seria uma das linhas de Renovação da Pedagogia que interessa.

Um autor que achei bastante interessante nesta linha de renovação da Pedagogia foi Bernard Charlot. Tenho aqui um dos seus livros, "La Mystification Pédagogique". Ele fez uma análise crítica da pedagogia, tanto da tradicional como da Pedagogia dita moderna. Uma análise crítica sob o ponto de vista ideológico. Ele se pergunta como seria possível construir uma Pedagogia que seja social e democrática, e que não seja ligada à Ideologia de dominação. Eu discordo de algumas posições dele, de algumas contradições, de alguns exageros. Mas o autor é corajoso na sua análise crítica. Ele se pergunta, também, no final da obra, quais seriam, dentro das experiências atuais, os projetos, as propostas pedagógicas que se colocam numa linha de renovação.

Indaga se é possível uma pedagogia que não seja comprometida ideologicamente com os esquemas de poder. Exemplifica com alguns projetos, dentre os quais lembra a Pedagogia Institucional, a Pedagogia Freinet, as Escolas paralelas, etc. Sobre Charlot, eu tive a oportunidade de fazer um trabalho no curso de Pedagogia Comparada. A sugestão do professor foi de fazer um estudo comparativo entre a obra e pensamento de Bernard Charlot e a Pedagogia de Paulo Freire. Achei interessante, especialmente porque os dois se colocam numa posição crítica.

Se Charlot fala de mistificação pedagógica, Paulo Freire fala de Pedagogia Bancária. Se há muitas coisas em comum entre os dois, evidentemente que há outras coisas em que eles discordam. Eu diria que Paulo Freire tem uma proposta pedagógica mais completa do que Bernard Charlot.

Reforma do ensino de 2º grau na Bélgica

A propósito da educação na Bélgica, eu gostaria de acenar, rapidamente, a reforma de ensino de 2º grau. Tive a oportunidade de conhecer e estudar alguma coisa, embora sem aprofundar, para não incorrer na dispersão com referência à temática de minha tese. Mas acho que é uma experiência que vale a pena ser estudada. Ví muita riqueza nesta proposta de renovação para a reforma do ensino de 2º grau na Bélgica.

Eu citaria um livro que me parece interessante, de Arnould Clause, professor da Universidade de Liège. Esta sua obra, com o título “Philosophie et Méthodologie d’un Enseignement Renové”, contém as bases filosóficas do novo ensino. Ele parte, porém, duma análise do contexto sociológico, político, econômico da atualidade. Mostra a necessidade de uma renovação do ensino e apresenta as grandes linhas do ensino renovado da Bélgica. Faz, inclusive, uma análise das dificuldades encontradas. Gostaria de lembrar uma observação feita por ele. Um dos grandes obstáculos para a implantação do projeto do ensino renovado foi a falta de preparação dos pais e dos professores. A reação de muitos parecendo que a renovação do ensino seria a bancarrota, a destruição de tantos valores tradicionais. Mas, de fato, o projeto apresenta coisas muito ricas e interessantes.

Paulo Freire e a Educação Popular na Bélgica

Dentro de sua preocupação de perceber novas experiências, particularmente na área da educação popular, Balduino destaca:

Gostaria, ainda, de lembrar o contato que tive, na Bélgica, com algumas experiências de educação popular. Foi através da cadeira de Pedagogia Social Aplicada à Educação. Tive a oportunidade de analisar uma experiência de educação popular junto aos imigrantes italianos da Bélgica. Apresentei tal análise na minha dissertação e, também, num artigo para a Revista Educação e Realidade. A Instituição se chama CASI-UO — Centro de Ação Social Italiana e Universidade Operária. É uma Pedagogia que se inspira bastante na Pedagogia de Paulo Freire. O próprio iniciador do movimento, Bruno Ducoli, bem como o relatório e o material que pude analisar, o mostram explicitamente.

É uma experiência que se preocupa em construir uma Pedagogia de conscientização e de libertação para uma população bastante marginalizada e oprimida, os imigrantes. A Instituição começou se interessando pelos imigrantes italianos, mas depois ampliou sua ação para os imigrantes espanhóis, turcos e outros.

Um outro contato que eu pude estabelecer foi com uma Instituição de Namur, uma cidade a 50 km de Louvain-la-Neuve, onde realizava meus estudos. Trata-se da “Université de Paix”, Universidade de Paz. Não é uma Universidade mas uma Instituição criada em 1960. A iniciadora deste movimento, Dominique Pire, ganhara o prêmio Nobel da paz, em 1958, por sua ação em favor dos deslocados.

A U.P., é uma Instituição de caráter inter-cultural, de intercâmbio no campo da cultura, da educação, da política etc. Na U.P. eu participei de três seminários, em três sábados diferentes, sobre uma experiência que achei inédita — a aplicação da Pedagogia de Paulo Freire nas escolas primárias da Bélgica. Para mim foi um contato muito rico, surpreendente, interessante. Além dos depoimentos que tive oportunidade de ouvir, dos debates em que participei, pude tomar contato com uma bibliografia muito rica que eles têm, inclusive publicações sobre outros seminários, outras experiências relacionadas com a pedagogia de Paulo Freire.

Na Bélgica, ainda, tive oportunidade de ver que há bastante interesse pela Pedagogia Freinet. Pude conhecer uma experiência concreta numa escola da cidade onde eu estudava. Nós convidamos o diretor dessa escola para um seminário dentro da Psicologia Social Aplicada à Educação. Nesta disciplina, eu fiz experiência pessoal muito valiosa. Cursei primeiramente como aluno. Era uma das disciplinas do meu curso. Mas, no ano seguinte, fui convidado a participar da equipe docente. Éramos três: o professor Titular, um doutorando boliviano, F. Castro, e eu, que trabalhamos em equipe. Foi uma experiência muito interessante, pelos conteúdos, pelas discussões, pelos debates, mas principalmente como experiência metodológica. Sugerimos, o colega boliviano e eu, ao professor, e ele muito democraticamente aceitou fazer uma experiência de cogestão. Todo o programa, todo o desenvolvimento, a avaliação, tudo foi num clima muito democrático com os alunos. Inclusive a avaliação final: 50% a equipe docente, 50% os alunos.

Para este curso convidamos também um outro professor que trouxe uma contribuição preciosa e original. Seu nome: Jef Ulburghs. Ele relata sua experiência no livro “Pour une Pédagogie de l’Autogestion!” O autor trabalha mais na parte flamenga da Bélgica, mas trabalhou também na região francófona. É um sacerdote engajado no meio sindical e operário. Ele diz explicitamente que as três fontes que inspiraram seu trabalho são: Joseph Cardijn, fundador da JOC; Paulo Freire, ao qual se refere muito em seu trabalho e no livro, e Oscar Negt, um sociólogo da escola de Frankfurt. Na perspectiva de educação popular, gostaria de citar, apenas a título de aceno, uma outra experiência. A instituição denomina-se “Le Grain” (O Grão). “Le défi pédagogique: Construire une pédagogie populaire”, é o livro que relata a experiência. O desafio Pedagógico para construir uma Pedagogia popular. Aqui, na contra-capá, diz assim: “A primeira tarefa de um educador é de desmontar os mecanismos de dominação na escola e em outros lugares. Mas ele não pode deter-se nisto. A segunda tarefa é de construir outras práticas pedagógicas no terreno da ação: a sala de aula, a animação de bairro, a formação de adultos, etc.”.

IDAC (Instituto de Ação Cultural) e INODEP

Paulo Freire foi para Genebra em 1968, a convite do Conselho Ecumênico das Igrejas. Em Genebra, fundou o IDAC, Instituto de Ação Cultural. Foi em

Genebra que ele mais atuou na Europa. Foi de lá que ele partiu com a equipe do IDAC, para a Guiné Bissau, a convite do governo de libertação daquela ex-colônia portuguesa. Naquele país, realizaram uma importante experiência de educação popular. O IDAC é um dos centros de reflexão, de reelaboração da pedagogia e da experiência de Paulo Freire.

Um outro centro muito importante é o INODEP de Paris. Paulo Freire foi eleito presidente do INODEP em 1970. Atualmente, ele é presidente honorário. O atual presidente é Jacques Chonchol, ex-ministro da educação do Chile.

O INODEP é o Instituto Ecumênico para o Desenvolvimento dos Povos. É um instituto que promove seminários, estágios para animadores de comunidade, para educadores, especialmente do 3º mundo, e presta assessoria a grupos que atuam em projetos de ação comunitária. Tenho aqui dois livros que analisam algumas de tais experiências. O de Colette Humbert: "Conscientisation: Expériences, Positions Dialectiques et Perspectives". A autora apresenta várias experiências que se realizaram na Ásia, na África, na Europa, e na América Latina. Há experiências interessantes de conscientização nestes continentes.

Colette Humbert não se limita a apresentar as experiências. Ela faz uma análise crítica muito inteligente e coloca-se numa linha prospectiva e dialética de desenvolvimento de uma pedagogia popular. Outro livro mais recente, publicado em 1983, é de Michel Segquier, que também trabalha no INODEP — "Mobilisations Populaires — Education Mobilisante".

Segquier também apresenta numerosas experiências, em diferentes regiões do mundo. Ele analisa as dimensões psicológica, pedagógica, cultural e política dos vários projetos. Um dos capítulos foi extraído da dissertação do colega boliviano com quem trabalhei no curso de Psicologia Social. Transferindo alguns conceitos básicos da Pedagogia do Oprimido para o campo da Psicologia Social, ele oferece uma excelente contribuição na busca de uma Psicologia Social menos "neutra", menos comprometida ideológica e politicamente, mais voltada para a interpretação dos problemas do povo, como suporte para projetos de ação comunitária libertadora. Elenquei aqui várias instituições. Falei do IDAC, do INODEP, da Université de Paix do CASI-UO ... Existem muitas outras pessoas, instituições e movimentos que, de um certo modo, partem da pedagogia de Paulo Freire, mas não exclusivamente, e a reelaboram. Então, há uma Pedagogia de Paulo Freire, "post" Paulo Freire. Eu diria que da Pedagogia da conscientização e da libertação, ele foi um iniciador, um pioneiro. Mas a mesma já não pertence a ele exclusivamente, e isso não diminui o seu mérito pelo contrário, aumenta o significado do que ele iniciou. Evidente que Paulo Freire não é o iniciador exclusivo; nunca começamos da estaca zero. Ele também se inspira em outras fontes. Por exemplo, sob o ponto de vista filosófico, fala-se de raízes existencialistas, fenomenologistas, dialéticas, humanistas e personalistas.

Eu gostaria de situar o meu tema de tese. Se eu me refiro nele a Mounier e Paulo Freire, não pretendo fazer deles um mito. Acho que eles têm uma

contribuição extraordinária a nos dar. Mas eles mesmos são contra a receita, são contra as soluções feitas; ambos se colocam numa linha dialética: procuram superar-se, indo além de si mesmos. Nós mesmos trairíamos o pensamento, a mensagem, o projeto deles se fizéssemos deles um mito. Eu coloco os dois como ponto de partida importante, numa perspectiva de buscarmos caminhos novos.

Posso lembrar, a título de exemplificação, falando numa Pedagogia de conscientização para além de Paulo Freire, três trabalhos originais de um dos animadores da Université de Paix, Manfred Peters. Ele é professor de línguas germânicas na Universidade Notre Dame, de Namur. O 1º trabalho intitula-se “Prolegômenos para uma Gramática dos Oprimidos”. O 2º, “Utilização da Pedagogia de Paulo Freire com grupos de filhos de imigrantes — Nova abordagem metodológica dos problemas lingüísticos de grupos desfavorecidos”. Finalmente, o 3º, “Existem deficientes lingüísticos? Novos instrumentos de análise da linguagem das classes sociais culturalmente dominadas”. O problema lingüístico é de fundamental importância numa Pedagogia popular libertadora. Na U.P. está sendo enfrentado, como é também enfrentado pelo CASI-UO de Bruxelas. Paulo Freire, nas cartas à Guiné — Bissau, também discute o problema lingüístico no contexto da ex-colônia portuguesa.

Teatro brasileiro na educação popular da Bélgica e França

Falando agora da Pedagogia de Paulo Freire, lembrei outra surpresa que tive ao descobrir, na Europa, a influência exercida por outro brasileiro, também numa linha de ação libertadora, no campo do teatro. Trata-se de Augusto Boal. Ele é bastante conhecido. Os livros dele são traduzidos. No CASI-UO, de Bruxelas, o Ducoli me falou da influência do Boal. Eles valorizam muito o teatro para a educação popular. Ele e os animadores CASI-UO trabalharam, em algumas experiências, com o Augusto Boal. Em Paris, também, conheci uma instituição comunitária que utiliza o teatro de Augusto Boal. Boal concebe o teatro como instrumento de libertação. Um dos seus livros intitula-se precisamente “Teatro do Oprimido”. Ele tem vários outros livros publicados em português. Todos eles estão traduzidos para o francês e para outros idiomas, na Europa.

Um dia, num programa de televisão, conheci uma experiência de animação cultural, de educação popular que achei extraordinária. Um grupo de uma cidade periférica de Paris, aproveitou a velha construção de uma piscina para uma experiência de animação cultural. Durante meu estágio na biblioteca Mounier, em Châtenay-Malabry, perto de Paris, um dia me dei conta de que a célebre piscina era ali perto. Aproveitei para visitar. Convidaram para um fim de semana em que haveria um programa intitulado “Festa das Culturas”. Foi um encontro de imigrantes de diferentes culturas, de várias proveniências. Uma programação excelente, constando da mesma uma peça na linha de teatro de Augusto Boal. Achei interessantíssimo, pela idéia, pela experiência, pelo ambiente aproveitado. Lembrei a Usina do gasômetro. Falou-se, há alguns anos, que poderia ser um

centro de criatividade e cultura. Não sei o que foi feito. Lá eles aproveitaram uma velha piscina, para ser um centro de cultura, de promoção e de educação popular. Mas eu quis chamar a atenção principalmente para a influência, na França, na Bélgica e em outros países, do “Teatro do Oprimido”, de Augusto Boal.

Educação Popular nos Países Escandinavos

Ainda uma experiência de Educação Popular que eu gostaria de lembrar. Mais que uma experiência. Trata-se de uma grande tradição. Eu não conheci diretamente, mas através das referências do filósofo Paul Ricoeur. Ele me falou em Paris, e disse que seria interessante conhecer esta experiência. Trata-se das escolas populares superiores e das escolas agrícolas superiores dos países escandinavos. Da Dinamarca (onde tiveram origem), da Suécia, da Noruega e da Finlândia. Tais escolas difundiram-se muito. Há uma longa tradição, que se liga especialmente a Grundtvig, que foi o pioneiro. Eu gostaria, é evidente, de conhecer mais, de ler, de ver, de visitar. Mas isto não foi possível. Há um campo imenso e rico a explorar. Fica o lembrete. Talvez algum colega se interesse, para um estágio, um pós-doutorado, quem sabe ...

As equipes docentes de Michel Duclercq

Não posso esquecer, nesta conversa, um movimento muito dinâmico no campo da educação, as Equipes Docentes, muito difundidas hoje na Europa, Ásia, África, e, sobretudo, na América Latina. As Equipes são um movimento de professores cristãos que querem viver plenamente sua fé e seu engajamento a serviço do povo, nas escolas oficiais. Fundadas pelo Pe. Michel Duclercq, em 1942, num período dos mais dramáticos para a França e para o mundo, trazem a marca da combatividade em prol das grandes causas. Na época de uma Igreja muito hierarquizada, preocupada demais com a escola particular, as Equipes representaram uma afirmação vigorosa da laicidade dos cristãos.

Foi a partir dos contatos do Pe. Duclercq com os bispos latinoamericanos, durante o Concílio, que vários deles o convidaram para iniciar aqui um trabalho junto aos professores das escolas oficiais. As Equipes Docentes estão assumindo papel importante na busca de uma educação libertadora, a serviço do povo.

Em Paris, eu participei de um encontro internacional de 3 dias, em 1982, e mantive vários contatos com o centro “Dialogue et Coopération”.

A Biblioteca Mounier

Eu concluo falando agora do meu estágio na “Bibliothèque Mounier”.

Em 1982, participei, em Dourdan, perto de Paris, de um encontro de três dias, comemorativo do cinquentenário da Revista “Esprit”, fundada por Emanuel Mounier e o grupo ligado ao Personalismo, em 1932. Foi um encontro muito rico. Havia uns trezentos participantes. A maior parte evidentemente franceses. Mas

havia belgas, italianos, suíços, espanhóis, ingleses, norte-americanos, libaneses. Brasileiros, éramos dois. Tive a oportunidade de conhecer várias pessoas que trabalharam com Mounier nos inícios do movimento personalista, na Revista “Esprit”. Ouvi muitos depoimentos, muitas palestras de uma riqueza extraordinária. Mas o meu contato mais importante com o movimento personalista foi o estágio na Biblioteca Mounier.

A Biblioteca Mounier situa-se em Châtenay-Malabry, uma cidade periférica de Paris, onde Mounier, com um grupo ligado à Revista “Esprit” e ao movimento personalista, iniciou um projeto comunitário. Isto já antes da última guerra mundial. O projeto foi interrompido por causa da guerra, e retomado após a mesma, com outras características. O projeto incluía uma experiência de vida comunitária. Várias famílias moravam ali.

Evidentemente Mounier defendia muito a privacidade. Era uma experiência comunitária, mas respeitando e valorizando a privacidade das famílias. Eles adquiriram uma propriedade, onde havia duas grandes casas antigas, de três andares e mais uma casa menor. Atualmente, em uma das casas, no 2º andar, mora a madame Mounier. No 1º andar, moram Paul Fraise e sua esposa, e no térreo, o casal Domenach. No térreo da outra casa, moram o filósofo Paul Ricoeur e esposa. Nesta casa morava também Henri-Irené Marrou, da Academia Francesa, também um grande intelectual ligado ao movimento personalista. A Biblioteca Mounier é numa sala na outra casa menor. Nesta casa, há uma sala reservada para os estudantes que vão fazer estágios na Biblioteca Mounier. O Centro dos Amigos Emmanuel Mounier, cuja sede está aí, publica o “Bulletin des Amis d’Emmanuel Mounier”, com dois números anuais. Eles promovem seminários, cursos, encontros, e mantêm a Biblioteca para consultas e estágios. Cada ano oferecem uma bolsa para um estudante estrangeiro que precisa fazer um trabalho sobre o pensamento de Mounier, sobre o movimento personalista ou a revista Esprit. Eu fui contemplado com esta bolsa, que significa uma estadia de um mês na Biblioteca Mounier. A Biblioteca contém todas as obras publicadas de Mounier, muitos escritos inéditos, conferências, programas radiofônicos, aulas, e além disso muitas obras de outros autores ligados ao movimento personalista; a coleção toda da Revista Esprit; todas as teses e outros estudos sobre a obra de Mounier. Eu fiz um levantamento no último dia do estágio. Encontrei 92 entre dissertações e teses de Doutorado. Madame Mounier me disse que algumas não foram enviadas; algumas desapareceram; há outras, que estão sendo ainda publicadas. Há quatro teses de brasileiros. Uma é a de Antônio Joaquim Severino, Professor da PUC de São Paulo. Sua tese versou sobre os princípios ontológicos do Personalismo de Emmanuel Mounier. No estágio, procurei manter um contato com aquilo que mais se relacionava com a minha tese, ler aquilo que eu não pudesse trazer e fazer fotocópias para trazer a maior quantidade possível de material para eu trabalhar aqui. Adquiri alguns livros mais interessantes. Além disso, a maior riqueza do meu estágio na Biblioteca Mounier foi o contato que pude manter com as pessoas ligadas a esse grande

projeto que é o movimento personalista. Com Jean-Marie Domenach, durante muitos anos diretor da Revista *Esprit*, eu tive várias conversas prolongadas para troca de idéias de esclarecimentos, etc. Com o psicólogo Paul Fraise tive também vários contatos e entrevistas. Madame Mounier me deu muitas informações e grande apoio. A mesma disponibilidade também no filósofo Paul Ricoeur. Os contatos com todas essas pessoas me enriqueceram de conhecimentos. O acolhimento cordial revelou-me que a mensagem personalista não é apenas teórica, mas se encarna nas pessoas. Senti-me plenamente em casa. Gostaria de lembrar, concluindo, um pensamento de Paul Ricoeur relacionado com a Universidade. Ele já completou 70 anos de idade, mas é de uma abertura extraordinária aos problemas, aos questionamentos aos desafios de hoje. Ele diz que precisamos desmistificar a universidade e reduzir o seu monopólio; nós precisamos de outras instituições para a educação. Foi neste sentido que me sugeri que tomasse contato com as experiências dos países Escandinavos.

Gostaria de concluir colocando as minhas reflexões dentro de um contexto bem concreto. A gente poderia falar tudo isto numa perspectiva muito idealista. Não convém, talvez, ser idealista. Mas é preciso ser utópico. Mounier, numa de suas últimas mensagens, escrevendo a um amigo, em 1950 dizia: “Eu acredito na utopia, não aquela na qual a gente se evade, mas sim aquela na qual a gente se projeta com uma vontade de ferro. Cedo ou tarde esta força dá o seu fruto. Não cedamos demais nós mesmos às ironias realistas”. Lembro agora a impressão causada em mim, alguns anos atrás, pela aproximação de duas imagens na revista *Veja*. Foi em junho de 1979. Na capa aparecia um título “A guerra na Nicarágua”, e a imagem do tirano Somoza. Nas páginas amarelas, o título: “O profeta do bê-á-bá” e a imagem do Paulo Freire. Eu lembro aquelas imagens, e fico me questionando sobre o realismo, sobre o pragmatismo e sobre o sentido do utópico. O pragmático com cara de tirano passou, e o profeta da utopia fica. Eu queria dizer que vale a pena ser utópico. Não a utopia na qual a gente se refugia, como uma fuga, mas a utopia como uma prospecção, como um desafio para construir o homem novo, o mundo novo. A utopia que seja um olhar para o horizonte, rumo ao qual a gente caminha, mas profundamente comprometido com a realidade concreta na qual se está engajado.